

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano LV, número 42 (2.891)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 17 de outubro de 2024

Na audiência geral o Pontífice voltou a recordar os conflitos na Ucrânia, Palestina, Israel e Myanmar



Lutemos pela paz

«**R**ezemos pela paz e lutemos pela paz»: foi a invocação do Papa Francisco no final da audiência geral de quarta-feira, 16 de outubro, elevada com o convite a não esquecer «os países em guerra: a martirizada Ucrâ-

nia, a Palestina, Israel, Myanmar». Porque, explicou, «a guerra é sempre, sempre, uma derrota».

Anteriormente, saudando os fiéis presentes na praça de São Pedro aos polacos falou sobre a conferência dedicada ao beato padre Jerzy Popieluszko, realizada em Roma no 40º aniversário do seu martírio, e aos espanhóis recordou que no próximo domingo será o Dia missionário mundial, durante o qual canonizará 14 beatos, exortando-os a conhecer estes santos e a pedir a sua intercessão, pois são um claro testemunho da

ação do Espírito Santo na vida da Igreja. E foi precisamente ao Paráclito que dedicou a catequese, continuando o ciclo sobre o tema «O Espírito e a Esposa» e passando daquilo que sobre o primeiro «nos foi revelado na Sagrada Escritura», ilustrado nas reflexões precedentes, «ao modo como Ele está presente e ativo» no contexto atual.

Em particular, o Pontífice assegurou que «a vida dada pelo Espírito Santo é eterna». E, consequentemente, «a fé liberta-nos do horror de ter

que admitir que tudo acaba aqui, que não há redenção para o sofrimento e a injustiça que reinam soberanas na terra».

Outro aspeto abordado a este respeito foi o ecuménico: «Entre os cristãos há muitas diferenças», observou, «este é desta escola, da outra; este é protestante, aquele...». Mas «o importante é que essas diferenças sejam reconciliadas, no amor de caminhar juntos».

PÁGINA 5

Denúncia do Papa numa mensagem ao diretor-geral da FAO por ocasião do Dia mundial

O direito à alimentação é um direito desprezado

A Sua Excelência o Senhor
QU DONGYU
Diretor-geral da FAO

Senhor Diretor-geral!

O 44º Dia Mundial da Alimentação convida-nos a refletir sobre o direito à alimentação para uma vida e um futuro melhores. Trata-se de algo prioritário, dado que satisfaz uma das necessidades básicas do ser humano, ou seja, alimentar-se para viver de acordo com padrões qualitativos e quantitativos adequados, que garantam a existência digna da pessoa humana. No entanto, vemos com frequência este direito desprezado e não aplicado de maneira justa, com as consequências nefastas que disto advêm.

Com o objetivo de promover o direito à alimentação, a FAO propõe fortemente que se considere uma transformação dos sistemas alimentares que tenha em conta a pluralidade e a variedade de alimentos nutritivos, acessíveis, saudáveis e sustentáveis, como meio para alcançar a segurança alimentar e dietas salutaras para todos.

Para isso, é necessário não esquecer a dimensão social e cultural intrínseca do ato de se alimentar. A este respeito, os responsáveis pela política e a economia a nível internacional devem ouvir as exigências dos últimos da cadeia alimentar, como os pequenos agricultores, e das formações sociais intermédias, como a família, diretamente envolvidas na alimentação das pessoas.

Soluções enérgicas para enfrentar e resolver os problemas alimentares do nosso tempo exigem que consideremos os princípios de subsidiariedade e solidariedade como fundamentos dos nossos programas e projetos de desenvolvimento, para que nunca se adie a verdadeira escuta das necessidades que vêm de baixo, dos trabalhadores e dos agricultores, dos pobres e dos famintos, e daqueles que vivem com dificuldades em áreas rurais isoladas. Jesus Cristo ensinou-nos: «Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei-o vós também a eles: esta é a razão de ser da Lei e dos Profetas» (Mt 7, 12).

Ferida por tantas injustiças, a humanidade exige urgentemente medidas eficazes para levar uma vida melhor, atuando em conjunto,



animados pelo mesmo espírito de fraternidade e consciente de que este planeta que Deus nos concedeu deve ser um jardim aberto à convivência serena. Era nisto que eu pensava, quando propus que se consi-

derasse o paradigma da ecologia integral, para que se tenha em conta as necessidades de cada pessoa e de todas as pessoas, a fim de que a sua dignidade seja protegida na sua relação com os outros e em estreita li-

gação com o cuidado da criação. As necessidades das pessoas só poderão ser satisfeitas se tivermos o ideal de justiça como guia da nossa ação.

CONTINUA NA PÁGINA 3

Não matarás

IBRAHIM FALTAS

Não matarás é o quinto mandamento, que nos põe diante da possibilidade desumana de que um ser humano possa tirar a vida a um dos seus semelhantes. Os dez mandamentos pedem-nos para observar o amor a Deus e o amor ao próximo para percorrer o caminho da salvação. Para nós, cristãos, é assim, para toda a humanidade, não matarás deveria ser uma lei moral.

Morte é o contrário de vida. Matar é o contrário de viver. Dar a vida é o contrário de tirar a vida. Quem tem o poder de tirar a vida? Quem pode matar ou mandar matar o seu semelhante? Quem permite que essas mortes se multipliquem e, tendo o poder, não as impede? Acho que estas são perguntas óbvias, que

muitos no mundo fazem e para as quais ninguém tem uma resposta. São as perguntas de consciências que sentem a falta de verdade e de justiça. A morte de um único ser humano dói, a morte de seres humanos inocentes e indefesos dói muito. A falta de piedade humana é incompreensível, a indiferença é desumana. Ódio é o contrário de amor, vingança é o oposto de perdão.

De onde nasce tanto ódio? O que leva um homem a fazer outro homem sofrer? Não se consegue impedir a violência, que não encontramos nem sequer no mundo animal, onde há mais solidariedade entre os semelhantes.

CONTINUA NA PÁGINA 4

NESTE NÚMERO

Sínodo dos bispos
Balanço dos trabalhos

Propostas concretas

PÁGINA 2

Vigília de oração
presidida por Francisco

Vergonha
pelo escândalo
da divisão dos cristãos

PÁGINA 3

Irmãs do Espírito Santo realizam uma
agricultura ecocompatível na Zâmbia

Viver e promover
a Laudato si'

SANDRA KUNDA NA PÁGINA 8

RUMO AO JUBILEU

São João de Latrão

Basílica jubilar
triunfo de Cristo

MARIA MILVIA MORCIANO NAS PÁGINAS 6 E 7

Reflexão litúrgico-pastoral
para o domingo XXIX do tempo comum

Convite a servir
e dar a vida por amor

D. ANTÓNIO COUTO NA PÁGINA 9

Conversa com a diretora da clínica de S. José em Lisboa
Ciência e fé ao serviço do bem-estar da mente e do espírito



A presença das irmãs hospitalceiras em Portugal dura há mais de 130 anos, com a fundação do seu primeiro centro, Casa da Saúde da Idanha, remontando ao ano de 1894. Mais de um século de história no qual as irmãs procuram trazer ao mundo da saúde a sua missão de "Hospitalidade", encarnando o espírito fundador de São Bento Menni. Tivemos a oportunidade de conhecer a irmã superiora Isabel Morgado, diretora da Clínica Psiquiátrica de S. José em Lisboa, fundada em 1956, que nos fala da atividade da Congregação das Irmãs Hospitalceiras presente em 26 países do mundo, com mais de 370 centros, incluindo Portugal, Brasil, Moçambique, Angola e Timor Leste.

MARIA HELENA SEQUEIRA NA PÁGINA 4